

FAZER BRASILEIRO

Design e artesanato eram considerados atividades opostas, hoje trilham uma aproximação. Em seu novo livro, a jornalista Adélia Borges retrata a atuação de diversos profissionais brasileiros em projetos de revitalização do objeto artesanal, analisando erros e acertos desse longo percurso.

| reportagem **baba vacaro***

fotos divulgação

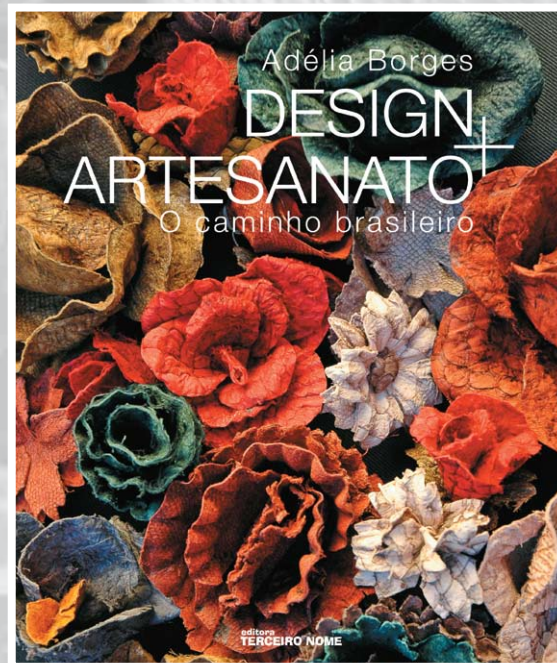
Amostras de fios tingidos com várias plantas, antiga técnica recuperada por Eber Ferreira em diversas localidades brasileiras.



Socorro da Conceição, de Esperança, Paraíba, autora das bonecas utilizadas pelos irmãos Campana na poltrona *Multidão*.

“O artesanato é um patrimônio inestimável que nenhum povo pode se dar ao luxo de perder. Mas esse patrimônio não deve ser congelado no tempo. Congelado, ele morre. E é na transformação respeitosa que entra o papel dos designers.” O trecho escrito por Adélia Borges para o jornal *Gazeta Mercantil* em 2000 já anunciava seu interesse pelo tema. O resultado dessa investigação, misto de reportagem e ensaio, Adélia apresenta em seu livro

Capa do livro *Design + Artesanato – O Caminho Brasileiro*, da editora Terceiro Nome.



Design + Artesanato – O Caminho Brasileiro. Escrever sobre o trabalho de Adélia Borges requer uma boa dose de audácia. Desajuizada que sou, sigo adiante, com respeito e admiração pelo modo como transforma seu profundo conhecimento em texto cadenciado, gostoso de ler, que aproxima leitor e assunto de um jeito que – quando nos damos conta – estamos fígados totalmente. Ela sabe como poucos usar as palavras. Um elogio rasgado ou uma crítica contundente saem da ponta de seus dedos como que a mimetizar a serenidade de sua presença. Começo pelo capítulo final – uma reflexão sobre a relevância do objeto artesanal na nossa sociedade e os indícios de sua demanda crescente num mundo cada vez mais massificado – um parágrafo que, sozinho, seria suficiente para justificar a publicação: “Os objetos artesanais surgem como um contraponto. Num mundo virtual, oferecem uma experiência real. Em vez da uniformidade e da padronização dos objetos industriais, são únicos, nunca idênticos. Têm a beleza da imperfeição – ou a ‘boniteza torta’ de que falava a escritora Cecília Meirelles. Envelhecem com dignidade, podendo permanecer ao nosso lado por toda a vida. Eles nos contam de um lugar preciso, onde foram feitos por pessoas concretas. São honestos, confiáveis. Transmitem cultura, memória. Trazem um sentido de pertencimento. Por tudo isso, podem tocar – e o uso do verbo tocar não é fortuito – o nosso coração, a nossa alma”. Adélia sabe como poucos usar as palavras.

Visto que o mercado atual tem a necessidade de consumir signos de calor humano, singularidade e pertencimento nos produtos que adquire, e dado que a aproximação entre design e artesanato é, sem dúvida, um fenômeno de extrema importância por sua dimensão social e econômica, Adélia nos guia por um desencadear de informações e reflexões indispensáveis para estudantes e profissionais ligados ao design, para gestores de projetos de revitalização do artesanato e também para todos que se interessam pelo potencial material e humano de nosso país. Sem intenção de catalogar extensivamente a produção de nosso objeto artesanal, Adélia escreve com liberdade, em primeira pessoa. Relata, exemplifica, questiona. Parte do afastamento entre design e artesanato para então construir sua aproximação. Começa por definir a palavra artesanato, depois nos ajuda a entender a distância que o separava do design industrial, ao questionar a visão funcionalista do ensino de design no Brasil, e apresenta por oposição as iniciativas de Lina Bo Bardi e Aloisio Magalhães. A seguir nos lembra dos primeiros exemplos de aproximação, ainda nos anos 1980. E, a partir daí, nos transporta para diversas localidades do Brasil ao apontar as possibilidades abertas e o trajeto percorrido por designers, entidades e artesãos nos últimos 25 anos, em busca de uma relação ética e saudável de intervenção do design no produto artesanal. Ilustra os muitos frutos colhidos nessa interação,



Cestas de caroá tingidas com casca de caju e umbu, em Valente, Bahia.

como melhoria de condições técnicas para o artesanato, aporte de novos materiais locais, construção de marcas e suporte para as não menos importantes questões de distribuição, comercialização e promoção dessa produção. Mas não se furta a colocar o dedo na ferida e abre espaço para falar também das experiências ruins e dos equívocos ocorridos ao longo do caminho. Afinal, o lado bom de todo erro é que ele tem o poder de ensinar. ■

* **Baba Vacaro** é designer, curadora, colunista e diretora de arte da Dominici.

Rejânia Rodrigues e seu sobrinho em Pão de Açúcar, Alagoas. Atividades artesanais e domésticas são sempre conciliadas.

